

PENSANDO SOBRE A BIRRA

Alba M. R. Sewaybricker Benito ¹

A primeira coisa que me ocorre é tentar ver com vocês **o que é “birra”**. Sabemos que são explosões de raiva, acompanhadas ou não de choro, movimentos bruscos ou gritos, por conta de alguma frustração. Muitas vezes elas ocorrem em público e deixam os pais bastante desconcertados, sem saber o que fazer.

Será que seu filho, entre 1 e 3 anos, saberia expressar seu descontentamento de outra forma? Penso que isto se aprende, se desenvolve, não vem pronto. Por isto, o primeiro passo é tentar se aproximar dele, contê-lo fisicamente, se necessário, e procurar entender o que o incomodou tanto.

Gostaria de salientar ainda que as pessoas que cuidam da criança precisam adotar uma conduta uniforme em relação às birras pois as divergências podem gerar confusão e insegurança.

Aqui temos uma tirinha com a reação da professora do Calvin após uma explosão de raiva dele em sala de aula:



¹ Psicóloga , Psicanalista e membro do grupo Conversando com a família.

Calvin estava desmotivado, entediado, frustrado e sua explosão interrompeu aquele estado. O resultado não parece ter sido dos melhores, mas é preciso notar que, apesar da “falta de tato”, a professora o contem e recomenda que ele se acalme. É mais ou menos disso que estou falando: conter e ajudá-lo a transformar essa raiva, tentando entender junto com ele, o que provocou tal explosão. Agora, vamos reconhecer que neste último aspecto – o entendimento - a professora não contribuiu em nada! Ela teria muito o que aprender...

Alguns pais se desesperam e entram numa queda de braço com o filho de modo que acabam todos – adultos e criança - fazendo birra, explodindo. É preciso ter calma para pensar e lidar com a situação. Quando o “show” conta com público, tudo piora, assusta e irrita ainda mais os pais. Por isso, o público precisa ser deixado de lado, saia de cena com a criança. O público não é a prioridade no momento. O que importa é tentar compreender o que seu filho está sentindo. Será o vínculo pais-filho que sustentará a situação, não o público.

A criança precisa contar com alguém que lhe transmita segurança com afeto, não aos berros ou desesperada como ele. Ela precisa da sua presença (não do público) para se acalmar e transformar o que está sentindo. Por isso insistimos que o artifício de deixá-lo de lado, “esquecido” até que a birra passe, não é recomendável. É assustador.

O Haroldo sabe das coisas! Ele abraça o Calvin em momentos mais do que significativos. Procura entendê-lo, tenta se colocar no lugar dele e o acolhe.



Expus algumas ideias para nos ajudar a pensar e conversar sobre a birra. Sem muitas regras ou teorias, apresento apenas estímulos para nosso encontro.²

² Encontro realizado com um grupo de mães em 2012.

Alba M. R. Sewaybricker Benito

conversandocomfamilia@gmail.com

albabenito@uol.com.br

Rua Carolina Zanini, 102 – Jd Conceição – Campinas

(19) 3207-3899